



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12742 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT12 - Currículo

Pensando hospitalidade e a invenção na educação através dea Irmão do Jorel e atravessamentos outros da cultura pop na escola
 Bruno Fernando Santos de Castro - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES-PRINT

Hospitalidade como educação: Invenção e atravessamentos performativos na escola

Resumo: Este texto se pretende um ensaio teórico performativo em seu próprio ato de escritura e apresentação numa tentativa de operar entendimentos de educação atravessadas pelas ideias de hospitalidade e invenção, como forma de pensar a educação antes de qualquer confusão possível com operadores comuns a esse campo, como ensino ou aprendizagem. Um entendimento ético-político que trata o professor do professor como forma de responder responsivamente ao que chega, tentando fazer justiça à singularidade do outro que constitui e é constituído relacionalmente.

Palavras-chave: Educação; Hospitalidade; Invenção

Começo pela hospitalidade para falar sobre o que chega na escola, início e fim de um título. O que o atravessa é todo o meio, o espaçamento, o lugar onde a educação acontece.

Como o professor de uma promessa (Derrida, 2002), na escrita e no des-entendimento de um certo remetimento referencial, performatividade inventiva que tenta responder como se um “como se” fosse possível, como se fosse possível inventar o im-possível, tentando executar (num duplo entendimento, como o duplo gesto de toda operação relacional e como operação que se dá à morte) ideias sobre acolhimento operando a ideia de alteridade como invenção do outro e do si mesmo como outro. A repetição de certas palavras talvez possa indicar uma

preguiça estética e insuficiência de vocabulário, mas também talvez consiga trazer para essa escrita um exercício de repetição da ideia de iterabilidade derridiana, da repetição como diferença e da diferença como repetição.

Recomeçando do começo, trago a hospitalidade derridiana (Derrida, 2000) em seu entendimento de duplo gesto diante do por vir. Um sim, sim. O primeiro, constitutivo, como aquilo que chega para além de todo o horizonte de expectativas, como aquilo que chega verticalmente para além de qualquer previsão ou decisão. O segundo, como resposta e como promessa, como compromisso responsivo de dizer sim ao que chega. É no segundo entre o segundo sim, do devir-tempo em espaço, que o sim, como acolhimento im-possível, acontece. Sem espera e sem expectativa possível, mas como única resposta possível e desejável de se fazer justiça à alteridade.

Gostaria de tentar apresentar a invenção do impossível (Derrida, 2007) como única invenção possível em contextos de hospitalidade característico da educação, buscando apresentar a experiência do impossível como experiência da possibilidade que não se encerra num possível e sim como abertura ao por vir. Como experiência do poder e do poder inventar qualquer história (Castro; Lopes, 2020). Mas o que ainda temos que inventar a respeito do que vem, do vir, do que está por vir, do que pode estar na condição de vir, para além das condições precárias que limitam as possibilidades de apresentação e vivência (Butler, 2018).

O momento dessa hospitalidade não pode situar-se na esfera da produção, aplicação e referência a um conhecimento, na ordem do ensino-aprendizagem, como afirma Duque-Estrada (2020, p.40). Assim como responsabilidade não pode ser entendida como um atributo do sujeito, porque qualquer ato do sujeito se constitui já e sempre como uma resposta à demanda que o atinge de cima, da verticalidade, da singularidade de um outro (Idem, p. 54), dessa maneira, busca-se fazer justiça contra a violência fundamental da exclusão da singularidade do outro.

Para tanto, tento professar, na performatividade da sala de aula, a ideia de professor que responde àquilo que chega como invenção derridiana que inventa o outro como invenção de si mesmo, como se a invenção do si só fosse possível ao inventar o outro. Esse movimento tenta aproximar a ideia de resposta como promessa de responsividade, que responde e se responsabiliza a seguir respondendo o que chega. Uma promessa que não pode ser garantida. Essa ideia de promessa anda junto com o risco, com a possibilidade de sua impossibilidade, de sua traição. De outra maneira, estaríamos na ordem do cálculo.

Mas por que tentar falar sobre o que não podemos dar conta? Talvez para pensar sobre o que tange ideias de ensino-aprendizagem e que, ainda assim, sempre escapa. Aqui, educação não se confunde com a aplicabilidade de um conhecimento. Por isso trago a cultura pop não como exemplo ou como possibilidade na educação (Friedrich et ali, 2022). Acabei trazendo uma ideia de cultura pop mas talvez acabe esse texto sem abordá-la. Talvez porque tento pensar educação como espaçamento de hospitalidade, como invenção do devir-espaço tempo de criação do outro e criação do eu, falando de coisas menores, de coisas ditas cotidianas, para falar de mim e para falar do mim, do self, ali onde está sempre acontecendo as coisas que preocupam as pessoas que falam de coisas maiores. Por isso, faço uma promessa de talvez escrever outro texto sobre cultura pop, como uma segunda temporada que se anuncia a partir

dos fios soltos deixados ao longo de um roteiro.

Na brevidade necessária desse texto, assim como a brevidade limitada dos textos de redes sociais, penso cultura pop na escola como o que atravessa tudo aquilo que chega na escola (corpos, textos, discursos). Vindo de fora do que se entende como escola, geralmente representa o perigo, o risco, a ameaça que atrasa, atrapalha, impede a formação, o desenvolvimento, a emancipação do aluno, do cidadão, do sujeito. Mas que chega junto com o que me relaciono na performatividade do professor, com o que e como que acolho e respondo ao que chega.

Haveria uma necessidade de pensar especificamente sobre uma estética pop escolar? Não conseguirei falar sobre isso neste momento. Mobilizamos estéticas da cultura pop desde que vivemos em uma cultura transpassada pelas mídias de massa e sociais. Como professor, proponho responder a essa pergunta por meio de uma anedota autobiográfica (Miller; Macedo, 2018), como promessa de que tudo o que será dito é invenção de uma impossibilidade. Insisto que esse pensamento, longe de despolitizar, é hiperpolitizante (Lopes; Siscar, 2018) ao tentar manter uma relacionalidade responsiva em qualquer sentido de origem ou projeto. Responsividade na relação com os alunos e responsividade à história que apresento sobre essa relação e à própria ideia de relacionalidade.

Irmão do Jorel é um desenho animado ambientado numa ideia de família brasileira do final dos anos 80, em meio a aventuras surreais e nonsense, sempre sob a ótica do Irmão do Jorel, um menino ofuscado pela fama do irmão mais velho. Muitos episódios acontecem na escola e poderiam ser trabalhados como uma rica metáfora da escola brasileira na estética pop.

Porém, mais do que produzir significações sobre essa animação em textos acadêmicos, me encantei tanto que passei a ir customizado para as aulas. E aqui talvez comece um relato meio otaku, meio drag. Falando de corpo, o meu parece com o Irmão do Jorel. Até meu cabelo cacheado se encaixa numa descrição personagem e nem uma peruca foi necessária.

Uma certa aula começou bem lúdica, mesmo que ainda precisasse me referir a um determinado conteúdo curricular, mas talvez outras percepções desse cenário pudessem surgir. Ouvi burburinhos como “será uma aula sobre Irmão do Jorel?” e “como seria se o Irmão do Jorel fosse professor?” As significações sobre essa questão seriam produzidas indecidivelmente porque há um professor vestido como esse personagem. Vestido assim porque sim, e também como um investimento radical num compromisso ético desse movimento, como se toda profissão de promessa fosse uma resposta ao que acontece, um compromisso com o que nos atravessa antes e para além de qualquer cálculo.

Então, vestido de Irmão do Jorel durante uma aula, sigo meu movimento de andar pela sala entre estudantes agrupados. Ao me deter um minuto em um grupo de estudantes se maquiando, sou interrogado: “estamos nos maquiando, você também quer?”. Respondo: sim. Para a surpresa de todos, pego emprestado um delineador e, sob o olho esquerdo, desenho linhas na maçã do rosto. “O que é isso?”, interrogam novamente. Respondi que era uma cicatriz do personagem Luffy da animação One Piece.

Esta é uma narrativa sobre um professor travestido que trai sua própria promessa ao

improvisar a partir do imprevisto do que acontece na e como educação. E o que dizer sobre essa anedota? Talvez tenha sido uma tentativa de destacar a ideia de como a estética pop atravessa o caminho de um professor em uma escola pública. E, no mesmo gesto, disseminar entendimentos performativos sobre a educação como hospitalidade incondicional, que acolhe e responde ao que acontece em aula, um currículo outro (Macedo; Miller, 2022) para além e antes de qualquer ideia de conhecimento-curriculum e ensino-aprendizagem.

Referências:

Butler, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Castro, B.F.; Lopes, A.C. "Professor, posso inventar qualquer história?": Práticas de significação no currículo de História. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13, 2020.

Derrida, J. *Of Hospitality*. Stanford University Press, 2000.

Derrida, J. *The future of the profession or the university without condition*. Cambridge University Press, 2002

Derrida, J. *Psyche: Inventions of the Other, Volume I*. Stanford University Press, 2007.

Duque-Estrada, P. *Estudos ético-políticos sobre Derrida*. Rio de Janeiro: Mauad X, Editora PUC-Rio, 2020.

Friedrich, D. (et al.) (Eds.) *Pop Culture and Curriculum, Assemble! Exploring the Limits of Curricular Humanism through Pop Culture*. Dio Press, 2022.

Lopes, A.C.; Siscar, M. *Pensando política com Derrida*. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

Macedo, E.; Miller, J.L. Por um currículo "outro": autonomia e relacionalidade. *Currículo sem Fronteiras*, v. 22, 2022.

Miller, J.L.; Macedo, E. Políticas públicas de currículo: autobiografia e sujeito relacional. *Práxis Educativa*, v. 13, n. 3, 2018